

Índice

O Irmão Ocupado	11
Eficaz ou Ineficaz	15
Desejos da Alma	18
Matar o Tigre	20
O Príncipe Virudhaka	24
O Homem Sempre Ocupado	28
O Desgosto de Ananda	30
O Praticante e o Fantasma	33
O Pau de Um Tolo	36
Viagem ao Encontro de Deus	38
Buda e o Mendigo	40
A Família das Vidas Passadas de Buda	43
Dois Peixes	46
A Velha Serva	48
A Mente, Sozinha, Tudo Cria	52
Os Poços Tapados	55
O Terrível Fantasma que Comia Pessoas	58
O Avarento	62
Uma Tragédia Provocada pela Gula	65
Três Tipos de Doença	68
O Ancião Sorridente	72
O Resultado Amargo da Mesquinhez	74
Manchai e Sumagadhi	78
A Herança de Um Professor Pobre	82
O Mestre Ming Hui	86

Mestre Genshin	89
Mestre Kuya	93
Mestre Tetsuga	96
Mestre Eisai	100
Mestre Saicho	103
Outros Homens, Outros Deuses	107
Os Animais Demonstram Gratidão	109
O Monge e a Raposa	112
O Pequeno Leopardo Ganancioso	117
A Verdadeira Cidade Natal	120
A Grande Árvore	123
A Cabaça	125
O Peixe que Pediu Ajuda	127
O Esperto e Bondoso Jovem Taroo	130
O Idoso que Procurou os Ensinamentos de Buda	133
O Jovem e as Cinco Tartarugas	136
Um Velho Despreocupado	141
O Pai Satisfeito e o Ladrão	144
Pai e Filho	148
O Sol de Inverno	151
Dá Um Passo Atrás	155
A Escravidão do Amor	160
Uma Taça de Noodles	163
O Amor de Todos os Seres Vivos	166
O Velho à Procura do Tesouro	168
A Mulher com Crenças Religiosas Distorcidas	171
Os Devaneios de Uma Menina	174
A História de Uma Criança	176
A Avó Aprende a Ler	179
As Sandálias Mágicas	182
Toca a Acordar!	186

O Irmão Ocupado

*A vida é impermanente. O modo mais fiável
de viver é usar este preciso momento
para fazer o que está correto.*

Há um conto, num dos sutras budistas, sobre dois irmãos que cresceram juntos, cada um com os seus ideais. Após a morte dos seus pais, o mais novo, em busca do sentido da vida, saiu de casa para seguir o seu desenvolvimento espiritual. Deixou ao seu irmão a responsabilidade total sobre os negócios herdados dos seus pais.

Depois de vários anos de uma vida austera, o irmão mais novo compreendeu que a vida era impermanente, que toda a fama e toda a riqueza eram ilusórias e que era necessário praticar boas ações, sem demora. Desejou que o seu irmão pudesse experienciar o mesmo entendimento.

Foi para casa e contou ao irmão o que havia vindo a compreender, ao longo dos anos. Porém, este levava muito a sério a gestão dos negócios e estava sempre ocupado.

— Fizeste bem o teu desenvolvimento espiritual e o que disseste está muito correto. Mas eu tenho uma grande responsabilidade que não posso ignorar.

— Tu controlas o teu próprio tempo; então, devias dedicar um pouco a procurar a verdade da vida — retorquiu o irmão mais novo.

— O meu negócio é bastante grande, e há muitas coisas que tenho de ser eu próprio a tratar — explicou o irmão mais velho. — Como posso eu dispensar algum tempo?

— Se não tens tempo, podes doar algum dinheiro para ajudar os pobres e os necessitados.

— Quando tiver mais dinheiro, faço isso.

Independentemente do que o seu irmão lhe recomendasse, o homem de negócios dava sempre todo o tipo de desculpas.

Muito desiludido por ver que o irmão não podia ser convencido, o mais novo seguiu caminho, para continuar o seu desenvolvimento espiritual.

Alguns anos depois, o praticante veio a saber que o irmão tinha morrido. Profundamente abalado, mergulhou em meditação profunda para tentar perceber onde é que ele estava. Procurou no Céu e no Mundo Humano, mas não havia sinal dele. Entrou no Inferno e no Reino dos Fantasmas Famintos, mas também não havia sinal dele. Finalmente, entrou no Reino Animal. Ali, encontrou o irmão, que se havia tornado um búfalo.

Despertou da sua meditação e apressou-se a regressar à sua cidade natal. Lá, encontrou o seu irmão, o búfalo, a puxar penosamente um arado através de um campo lamacento. O animal, cansado, arrastava-se cada vez mais lentamente, levando o seu dono a continuar a chicoteá-lo. O búfalo exibia uma expressão triste, como que a dizer às pessoas que não conseguiria aguentar muito mais.

O irmão mais novo percebeu que o búfalo estava num ponto de exaustão total, mas o seu dono não abrandava. O praticante não resistiu a suspirar.

— Estiveste sempre ocupado, quando eras um ser humano — disse ao búfalo. — Não tiveste tempo algum para praticar qualquer boa ação e, assim, acumulaste muito karma negativo, que trouxeste contigo para esta vida animal. Espero que, agora, possas refletir sobre a tua existência e te libertes deste ciclo de reencarnação.

O búfalo pareceu compreender o que o praticante lhe dissera. De repente, debateu-se e começou a gemer. Depois, caiu no chão e morreu. Vendo aquele estranho acontecimento, outros camponeses juntaram-se em redor do dono do búfalo, perguntando-lhe o que tinha sucedido.

— Também acho muito estranho — observou o dono. — Ainda há poucos minutos, um praticante de Budismo estava aqui a murmurar para si mesmo, e o meu búfalo, de repente, começou a gemer. Debateu-se por momentos e, depois, caiu no chão e morreu.

Os camponeses suspeitaram que o praticante tinha feito um truque de magia. Como, de outra forma, poderia o búfalo ter morrido? Rodearam o jovem e exigiram que lhes desse uma explicação.

— O búfalo era o meu irmão, na sua vida passada — explicou-lhes. — Eu sempre o aconselhei a praticar boas ações, mas ele dava-me sempre desculpas, dizendo que estava muito ocupado. Porém, a vida é impermanente, e ele morreu antes de arranjar tempo para praticar boas ações. Depois de morrer, caiu no Mundo Animal e tornou-se um búfalo. Como búfalo, ainda estava muito ocupado, a puxar penosamente um arado. Na vida, quando é que se tem, verdadeiramente, algum tempo de lazer? Devem fazer o melhor uso possível do vosso tempo, aproveitar cada oportunidade para praticar boas

ações e arranjar tempo para acalmar, para o desenvolvimento espiritual.

Através das suas palavras, os camponeses alcançaram algum entendimento.

•

Em suma, a vida é impermanente. Deves aproveitar este preciso momento para fazer o que está correto. Se tiveres as prioridades erradas, a tua vida estará sobrecarregada de desejos e de ansiedades. Logo, nunca conseguirás alcançar a emancipação do sofrimento e do ciclo da reencarnação.

Eficaz ou Ineficaz

A ganância é a causa da pobreza. Se não tivermos qualquer desejo no nosso coração, podemos evitar a angústia provocada por desejos frustrados.

Existia, em tempos, uma aldeia no Japão, ladeada, a nascente, por uma alta montanha e, a poente, por uma vasta planície. Um dia, chegou um velho a essa aldeia. Carregava duas estátuas do Bodhisattva Tesouro da Terra, uma à sua frente e a outra atrás de si.

— Sabem quantos anos tenho? — gritou. — Tenho 330 anos, e carrego estas estátuas há mais de 200 anos... — Os aldeões reuniram-se à sua volta, e ele continuou: — Vou encontrar sítios para colocar estas duas estátuas, para que as pessoas as possam adorar. Uma delas é muito eficaz: tudo o que lhe peçam, ela concede. A outra é completamente impassível, e não vai responder a nenhum dos vossos pedidos. Vou colocar a ineficaz na planície e abrir um caminho para que as pessoas achem fácil o seu acesso. Quanto à eficaz, vou colocá-la na

montanha alta. Como concede tudo o que lhe pedirem, as pessoas vão encontrar uma forma de chegar até ela, independentemente de quão difícil ou perigoso seja.

O velho colocou as estátuas conforme dissera. Muito poucas pessoas foram adorar o bodhisattva ineficaz, ainda que o percurso fosse amplo e fácil. Por outro lado, multidões abriam caminho montanha acima, incessantemente, para adorar o bodhisattva eficaz. O trilho original da montanha, anteriormente repleto de ervas, galhos e vime, tornou-se uma estrada larga, de tantas vezes pisada. Aquela estátua era verdadeiramente eficaz: quem pedisse saúde recebia saúde; quem desejasse riqueza obtinha riqueza. Por isso, muitos paus de incenso e muitas velas foram ali queimados.

Três décadas depois, todos os aldeões eram ricos e gozavam de boa saúde. Então, alguns concluíram: «Este tipo de vida é demasiado aborrecido. Tenho de descobrir uma forma de ser mais rico do que os outros.» Começaram, assim, a pedir ao bodhisattva para tornar os restantes aldeões pobres e doentes. Dado que o bodhisattva era sempre eficaz, também essas maldições se concretizaram.

Volidos mais 20 anos, os aldeões estavam ainda pior do que 50 anos antes. Tornaram-se preguiçosos, pois tudo o que queriam era-lhes concedido através de uma simples prece ao bodhisattva eficaz. Nunca mais necessitaram de trabalhar, pelo que tinham tudo, mas perderam a capacidade de ganhar o seu sustento. Assim, quando a pobreza voltou a atacar, não havia nada a que recorrer. O seu desamparo era agravado pelas maldições mútuas, e os aldeões viviam num abandono miserável.

Cem anos depois, o mesmo velho voltou à aldeia.

— A eficácia do bodhisattva não é necessariamente boa para as pessoas — disse aos aldeões. — As pessoas têm uma ganância insaciável, e, muitas vezes, tomam

atitudes que trazem mal aos outros e bem nenhum a si próprias. Essa ganância é a causa da pobreza. Devem, agora, adorar o bodhisattva inútil com um coração sincero. Ele pode não vos conceder o que desejam, mas também não vos vai prejudicar. Precisam de construir a vossa fé sem esperar nada em troca.

Como nunca respondia a qualquer prece, a outra estátua do Bodhisattva do Tesouro da Terra não havia sido adorada durante um século. O caminho que conduzia à estátua estava coberto de erva, e o velho demorou muito tempo a encontrá-la. Agora, as pessoas já não subiam a montanha para adorar o bodhisattva eficaz. Ao invés, iam adorar o ineficaz, com sinceridade. Uma vez que já não sentiam desejos desordenados, trabalharam arduamente, e, aos poucos, foram melhorando as suas vidas.

Após alguns anos, a aldeia voltou a ser bastante próspera. Os aldeões trabalhavam muito e respeitavam-se mutuamente, vivendo em paz e tranquilidade.

•

Certas pessoas pedem sempre mais. Mesmo quando são ricas, querem ser ainda mais ricas, para poderem superar os outros. Para atingirem os seus objetivos, não se importam se tiverem de magoar os outros. Esta é a mentalidade das pessoas comuns, neste mundo.

É preferível ajudares-te a ti próprio do que pedir ajuda aos bodhisattvas. Dá o teu melhor, e muito conseguirás alcançar. Além disso, deves preservar uma mente que nada deseje. Quando não desejas nada, não vais sentir angústia derivada de desejos frustrados. A felicidade apenas vem quando se está satisfeito!

Desejos da Alma

Deus chamou à sua presença quatro almas que estavam prontas para reincarnar e dirigiu-se a elas perguntando:

— O que desejam para a vossa próxima existência terrena?

Uma das almas apressou-se a dizer:

— Da próxima vez quero nascer numa família muito rica, e dispor de uma enorme fortuna entregando-me a todos os prazeres terrenos. Quero ter terras a perder de vista e jóias de toda a espécie. Quero poder gastar o meu ouro em todas as coisas que me tragam prazer.

Outra das almas pediu:

— Quero ter a possibilidade de viajar constantemente, conhecer os lugares mais belos da Terra, as suas gentes e os seus costumes. Quero ser a pessoa mais viajada e mais conhecedora. Quero dar voltas ao mundo e visitar todos os pontos da terra.

A terceira alma disse:

— Senhor, quero ser uma pessoa poderosa. Desejo ser reconhecido no mundo inteiro pelo meu carácter e

ser temido por adversários e respeitado por parceiros. Quero ser famoso e influente, e ser invejado por todos os outros.

Mas havia uma alma que ainda não se tinha pronunciado. Não tinha esboçado nenhum sentimento perante as exigências dos anteriores e mantinha-se calada. Fez-se silêncio por tempo indefinido. Deus olhou nos olhos daquela alma que ainda não se tinha expressado. E então finalmente está disse:

— Senhor, eu não quero nada de especial. Não desejo riqueza para viajar constantemente nem ter fama ou poder. Não quero tesouros nem jóias nem exijo conhecer os quatro cantos do mundo.

As outras almas, surpreenderam-se e olharam-se entre si com um riso malicioso.

— Só quero, Senhor, que me dê uma mente que me permita desfrutar do que eu tiver, seja pouco ou muito. Desejo uma mente que viva em paz e contente. Uma mente sã.

.

Se vivemos sôfregos com preocupação sobre aquilo que não temos, e os desejos materiais persistem na mente, de que serve aquilo

que temos? Quando na mente vivenciamos desassossego, egocentrismo, ódio, inveja, ciúmes e outros sentimentos escuros, a vida perde todo o sentido. E por mais coisas que possamos possuir, ou poder que possamos ostentar, estas coisas não permitirão que possamos usufruir de forma plena daquilo que temos.

Matar o Tigre

*Na nossa conduta diária, devemos ser humildes
e amáveis com os outros. Desta forma,
evitaremos atritos.*

No tempo de Buda, havia um monge na sangha que exibia sempre a sua grandiosidade. «Ninguém tem melhores antecedentes do que os meus», dizia. «A minha família é a mais rica do país. Antes de me tornar monge, eu comia a melhor comida, vestia as melhores roupas e usava os melhores objetos. Até o que o meu criado usava era importado...»

Cada vez que este monge regressava de pedir esmola, olhava para os alimentos grosseiros na sua taça e dizia, com um suspiro: «Que boa comida tinha eu, no passado! Olhem para a comida que tenho agora.» Ouvindo tais queixas, dia após dia, os outros monges começaram a resmungar acerca dele.

Quando Buda soube disto, contou à sangha a história daquele monge.

O monge tivera o mesmo hábito de ser arrogante, há muito, muito tempo atrás, numa vida passada. Fora um tecelão, alto e bem-parecido.

Nesse tempo, havia um artesão muito esperto que não só fabricava arcos e flechas de excelente qualidade, como era também um atirador de primeira classe. Em todas as competições de tiro, era ele o campeão. Sendo tão ágil, queria ser útil para o seu país. Infelizmente, era muito baixo, de aparência pouco impressionante, e receava que o rei o menosprezasse.

Por isso, queria encontrar um jovem alto e bonito, que o acompanhasse na sua visita ao rei. Encontrou, por fim, o tecelão.

— Vamos visitar o rei, juntos. Tu dizes que és um bom atirador e que eu sou o teu criado. Se o rei nos contratar, nunca mais teremos de nos preocupar.

O tecelão, considerando que era, realmente, uma boa oportunidade, concordou. Foram ao palácio para ver o rei, e este ficou contente por os receber, oferecendo-lhes uma boa maquia. A partir daí, tiveram uma vida muito confortável.

Pouco tempo depois, começou a circular a notícia de que fora avistado um tigre perto da estrada principal que levava à cidade e que já tinha matado várias pessoas. O rei chamou o tecelão e ordenou-lhe que se livrasse do tigre. Incumbido de uma missão tão perigosa, o tecelão ficou preocupado com a possibilidade de a sua verdadeira identidade ser descoberta. Foi falar com o seu criado sobre o que fazer.

— Não tenhas medo — disse-lhe o artesão. — Tens de manter a calma. Antes de mais, tens de anunciar a hora exata a que vais caçar o tigre. Nessa altura, as pessoas vão chegar com arcos e flechas para ajudar. Então, tens de ir à caça do tigre e deixá-lo seguir-te para onde estiverem todas as pessoas. Quando ele lá chegar, esconde-te

atrás de um arbusto. Receosas, as pessoas vão disparar sobre o tigre com os seus arcos e flechas. Quando o tigre tiver sido atingido, aparece com uma corda na mão e diz a todos que a tua intenção era capturar o tigre vivo. Exige que a pessoa que se precipitou a matar o tigre se apresente. Tenho a certeza de que ninguém se atreverá a admiti-lo. Então, podes levar o tigre morto ao rei, e este, certamente, ficará muito satisfeito e dar-te-á uma bela recompensa.

O tecelão fez exatamente o que o seu criado lhe dissera. Efetivamente, o tigre foi morto, e o rei concedeu uma grande riqueza ao tecelão.

Passado algum tempo, apareceu um touro selvagem, que também ameaçou a população. Usando o método aplicado ao tigre, o tecelão livrou-se, igualmente, do touro selvagem. De novo, o rei ofereceu-lhe muitas recompensas e confiou ainda mais nele.

Tendo eliminado quer o tigre quer o touro selvagem, e conquistado a confiança do rei, o tecelão tornou-se arrogante e já não respeitava o artesão. «Não te esqueças, tu és meu criado. É tua obrigação servires-me», dizia-lhe. Ao artesão, só restava esperar, pacientemente.

Passou-se mais algum tempo, até que, um dia, de repente, as nações vizinhas se juntaram para atacar este país. A primeira pessoa de quem o rei se lembrou foi o tecelão.

— Já que és um atirador tão excecional, ordeno-te que combatas a primeira batalha.

O tecelão sentia-se meio contente, meio preocupado, porque, se vencesse a batalha, seria promovido a um cargo superior, ganhando fama e fortuna, mas, se falhasse, perderia tudo.

Quanto mais se aproximavam as forças inimigas, mais assustado ficava o tecelão. Preocupado com o que ele iria fazer, o seu criado seguiu-o de perto.

Ao partir, o tecelão montava o dorso de um elefante com um ar muito importante. Porém, quando o inimigo chegou, estava tão apavorado que urinou nas calças e quase caiu do elefante abaixo. O seu criado amarrou-o ao elefante com uma corda e disse-lhe:

— Quando estavas no poder, mostravas-te tão corado de orgulho! Agora, diante do inimigo, estás tão assustado. Que tristeza! Volta para trás, vai-te limpar e deixa o inimigo por minha conta.

O tecelão retornou, então, deixando o pequeno criado a travar a batalha. Com a sua excelente pontaria e habilidade tática, o artesão conduziu rapidamente o exército à vitória.

De regresso do campo de batalha, dirigiu-se ao rei, assumindo a sua verdadeira identidade. O rei ficou muito feliz, mas também lamentou que um homem tão excepcional tivesse sido negligenciado durante tanto tempo, apenas por se sentir inferior pela sua baixa estatura. O rei colocou-o ao comando do seu exército. Depois da batalha, o tecelão perdeu toda a sua arrogância.

Buda prosseguiu:

— E sabem que mais? Este monge era esse tecelão. Tinha nascido numa casta baixa e sentia-se inferior. Ser arrogante é a sua forma de disfarçar o seu complexo de inferioridade.

.

Seja no estudo do Budismo ou no relacionamento com as outras pessoas, debes ser humilde e tratar os outros com respeito. Sê sempre modesto. Se estiveres cheio de arrogância e de orgulho, vais encontrar muitos obstáculos no caminho do desenvolvimento espiritual e na vida.

O Príncipe Virudhaka

*O ódio é um estado de espírito horrível.
A um coração repleto de ira,
seguem-se 84 mil angústias.*

Há mais de 200 anos (cerca de dez após a iluminação de Buda), a Índia estava dividida em vários pequenos reinos. Buda regressou a Kapilavastu, onde nascera, para pregar. Graças à sua conquista extraordinária, toda a Índia pensava que os Sakyas eram uma casta da máxima sabedoria. [Buda também era chamado Sakyamuni, o «sábio dos Sakyas».] Acreditavam que quem casasse com um Sakya teria descendentes dotados de fortes poderes intelectuais.

Num pequeno reino, chamado Kosala, Prensenañit acabava de suceder ao trono. Tencionava tomar uma mulher Sakya como sua noiva, pelo que enviou um ministro aos Sakyas para lhes transmitir a sua intenção.

Quando o ministro chegou a Kapilavastu, estava a decorrer uma reunião entre 500 ministros do país, pelo que

lhes comunicou o desejo do jovem rei. Os ministros debateram o tema. Alguns não sentiam qualquer respeito por Prensajit. Achavam que provinham de uma casta superior, e, assim, nenhum deles lhe queria dar as suas filhas em casamento. Houve até quem o insultasse, dizendo:

— Quem é que ele julga que é? Como se atreve a pensar em tomar uma das nossas jovens como sua mulher?

Um dos ministros, chamado Mahanan, deu, calmamente, a sua opinião:

— Prensajit é jovem e orgulhoso. Tem também um temperamento muito forte. É melhor termos cuidado para não o ofendermos. Temos de encontrar uma forma de agradar a ambos os lados. Podem deixar que eu resolvo o problema.

Ao regressar a casa, reparou que um dos seus escravos tinha uma filha muito bela, de seu nome Mallika. De repente, teve uma ideia: adotou a rapariga e casou-a com Prensajit, num casamento grandioso.

Por causa da sua beleza, o jovem rei amou-a muito. Lady Mallika era bastante graciosa e sensata. Um ano depois, deu à luz um belo filho. Prensajit estava muito feliz e pediu a um professor brâmane que desse o nome ao rapaz. O professor deu-lhe o nome de Príncipe Virudhaka.

O príncipe era bastante esperto e muito amado por todos. Quando tinha 8 ou 9 anos, o pai quis mandá-lo para Kapilavastu, para aprender diferentes técnicas com os Sakyas. Disse ao rapaz:

— Tens de aprender as seis artes para poderes ser um bom rei, quando cresceres. Vou mandar-te para o país da tua mãe, onde o intelectualismo floresce e as seis artes [cerimónias, música, arco e flecha, condução de veículos, leitura e matemática] são deveras apreciadas.

O Príncipe Virudhaka ficou muito feliz por fazer como o pai lhe dissera e partiu com o seu séquito.

Quando Mahanan soube do objetivo da viagem do Príncipe Virudhaka, reuniu um grupo de jovens rapazes para o acompanhar e estudar as artes com ele. Nessa época, Kapilavastu estava a construir uma sala de palestras magnífica para Buda, e, ao centro, haviam colocado uma cadeira maravilhosa. Quando o Príncipe Virudhaka ia a passar, com a sua comitiva, vislumbrou a magnífica sala e entrou para ver.

Por curiosidade, sentou-se na cadeira maravilhosa. Nesse instante, o ministro que supervisionava a construção entrou, vendo o jovem príncipe ali sentado. Furioso, arrastou o rapaz da cadeira e censurou-o:

— Filho de uma serva! Como te atreves a profanar a cadeira de Buda?!

Expulsou o príncipe, repreendendo-o, continuamente, com palavras desagradáveis.

Este incidente semeou um ódio no coração do Príncipe Virudhaka, que nunca mais desapareceria. Disse ao seu assistente:

— Tens de te lembrar dos insultos que sofri hoje e recordar-me sempre deles para que eu me possa vingar, um dia. Se me esquecer, podes recordar-me três vezes por dia.

O Príncipe Virudhaka regressou ao seu país com aquele ódio semeado no fundo do seu coração. Quando se tornou rei, ordenou que o seu exército destruísse os Sakyas.

•

Ódio é um estado de espírito horrível. É a causa de muita ruína. Devemos cultivar a nossa mente com cuidado, no dia a dia. Não devemos difamar os outros, mesmo sem intenção, nem enterrar ódio no nosso coração. Se o fizermos, as sementes desse ódio vão surgir,

e as consequências serão irremediáveis. Se tivermos uma mente flexível e nos cultivarmos a nós próprios, em todos os momentos, não teremos pensamentos maldosos, nem faremos mal aos outros.

O Homem Sempre Ocupado

Um homem que vivia sempre muito ocupado, decidiu visitar um sábio. Tinha ouvido o rumor na sua aldeia, de que o homem sabia todas as coisas. Decidiu então procurá-lo para fazer-lhe algumas perguntas.

— Grande sábio, ouvi falar da tua sabedoria e percorri muitos quilómetros para poder fazer-te algumas perguntas. Gostaria de saber se tens algum conselho para mim?

— Caro homem. sugeria que desses atenção a ti próprio e te dedicasses mais à tua vida espiritual.

— Reconheço que tens razão, sábio. Mas ando sempre tão ocupado! Tenho vários negócios, vou a reuniões de trabalho, eventos, dou palestras, ajudo colegas, sou entrevistado pelos meios de comunicação... Estou sempre tão ocupado!

O sábio escutou-o pacientemente e depois disse:

— Quando morreres, meu amigo, alguém dirá: «Aqui jaz um homem que preencheu a sua vida inteira com inúteis actividades.»

•

Os sábios diziam que quando a atenção se perde naquilo em que não se devia concentrar, em vez de naquilo em que verdadeiramente devia, acabamos por encher a vida de inúteis actividades e perdemos a preciosa oportunidade de lhe dar um sentido mais profundo.

O Desgosto de Ananda

*Seria melhor viver apenas um dia
e compreender o darma do que viver cem anos
sem o conhecer.*

Ananda, primo de Buda, era um dos seus dez principais seguidores. Como acompanhante de Buda, estava sempre ao seu lado. Graças à sua excelente memória, era famoso por ouvir e recordar os ensinamentos de Buda, sendo, por isso, conhecido como o seu discípulo mais instruído.

Após Buda ter atingido o nirvana, a sangha reuniu-se para compilar os seus ensinamentos. Ananda foi eleito como representante, para narrar e transmitir oralmente os ensinamentos.

O tempo passou, e Ananda envelheceu. Nessa altura, os praticantes budistas aprendiam os ensinamentos através do boca a boca. Um dia, Ananda chegou à Residência do Bosque de Bambu e ouviu um jovem monge a recitar um dos versos de Buda, dizendo:

— Seria melhor viver apenas um dia e ver um grou do que viver cem anos sem ter visto nenhum.

Ao ouvir isto, Ananda sentiu um aperto no coração. Ficou triste e ansioso, questionando porque é que o darma correto, através do qual as pessoas podiam ver a Verdade, tinha desaparecido tão rapidamente, e porque é que os ensinamentos de Buda, compilados na reunião e difundidos boca a boca, haviam ficado tão cheios de erros, manipulações e ilusões. Se o darma continuasse a ser transmitido daquele modo, seria como alguém que se tivesse desviado estivesse a conduzir os outros na direção errada. Seria terrível!

Ao refletir sobre as sérias consequências de induzir as pessoas em erro, Ananda sentiu a responsabilidade de retificar a situação. Dirigiu-se, então, ao jovem monge e pediu-lhe que recitasse novamente aquele verso.

— Está errado — disse Ananda, após ouvir a recitação.
— O correto é: «Seria melhor viver apenas um dia e compreender o darma do que viver cem anos sem o conhecer.» Esta é a forma correta, a forma como Buda nos ensinou.

O jovem monge mostrou-se disposto a aceitar a correção e alterou a sua recitação em conformidade. Um dia, o seu professor ouviu-o e perguntou-lhe:

— O que é que aconteceu? Agora recitas o verso de maneira diferente. Quem te disse para o alterares?

— Foi o Reverendo Ananda que me ensinou a versão correta — respondeu o jovem monge.

— Ananda está velho, e a sua memória está a falhar — retorquiu o professor. — É melhor recitares o verso como te ensinei.

Então, o jovem monge voltou a recitar o verso da maneira anterior.

Ananda soube que o jovem monge havia voltado a recitar a versão errada do verso e perguntou-lhe porque o fizera.

— O meu professor disse que estás velho e que a tua memória está a falhar — explicou o jovem monge. — Talvez recordes o verso da forma errada. Ele disse-me para o recitar conforme me tinha ensinado.

Ananda sentiu uma profunda tristeza e desalento. Recordou como os ensinamentos corretos haviam saído da boca de Buda, como ele próprio os repetira e como tinham sido compilados na reunião. Agora, enquanto ainda estava vivo, o verso já estava a ser recitado erradamente. Se nem as suas palavras pudessem ser confiadas, não conseguia imaginar o que aconteceria no futuro. Perante tal problema, sentiu-se completamente impotente e ponderou abandonar o mundo.

•

Não foi possível corrigir a recitação errada do verso, nem mesmo enquanto Ananda ainda estava vivo, já para não mencionar o que aconteceria após a sua morte. Além disso, dado que os ensinamentos budistas haviam sido transmitidos durante mais de 200 anos, seria deveras difícil manterem-se rigorosamente corretos.

Hoje, quando estudamos o Budismo, temos de usar a nossa sabedoria para difundir o espírito de Buda pelo mundo. Temos de recordar: «É com grande compaixão que queremos viver; são as vestes da gentileza e da resistência que queremos usar; devemos possuir um profundo entendimento do Modo de vida, ainda que sem apego; e isto é tudo o que devemos respeitar.» Se conseguirmos conduzir o nosso desenvolvimento espiritual com base nestes princípios, não nos iremos desviar muito do espírito essencial dos princípios que Buda nos queria transmitir.

O Praticante e o Fantasma

*Quando é que termina o círculo vicioso da vingança?
Cada ação tem o seu karma. O bem ou o mal vão-se
manifestar quando a oportunidade surgir.*

Há um conto, num dos sutras budistas, que nos fala de um praticante de Budismo que vivia a 30 quilómetros da cidade de Sravasti, na Índia. Todos os dias, ia pedir esmola à cidade, onde havia um talhante muito amável e generoso que lhe dava sempre muita comida e o que ele necessitava para o dia a dia.

Após a sua morte, o talhante caiu nos reinos inferiores da reencarnação e tornou-se um fantasma submerso no Rio Ganges. Muitas vezes, era cortado e ferido por facas e machados que caíam no rio e estava em dor constante.

Considerava este tratamento injusto, pois sempre havia dado generosamente em vida. Porque tinha ele de cair no Reino dos Fantasmas após a morte? Supôs que pudesse ser o seu karma por ter matado demasiado.

Sempre que o praticante me pedia algo, eu dei, pensou. Ele sabia que eu era um talhante. Porque não me advertiu que matar animais gerava mau karma? O talhante não se culpava a si próprio pela má conduta. Ao invés, culpava o praticante, e esperava, no rio, por uma oportunidade para ser vingar.

Por fim, a ocasião surgiu. O praticante atravessava o rio num barco. Quando a embarcação estava no meio do rio, o fantasma do talhante apareceu e puxou-a violentamente, tentando virá-la. Só que, nesse barco, seguia também um sábio, que, ao ver o fantasma zangado, perguntou-lhe:

— Porque estás a puxar o barco para o fundo?

O fantasma, zangado, apontou para o praticante.

— É tudo culpa dele — respondeu, em raiva. — Quando estava vivo, dei-lhe todas as esmolas que me pediu. Ele sabia muito bem que era errado matar, mas nunca me avisou. Por isso, caí no Reino dos Fantasmas, e agora sofro dores atrozes, todos os dias. Vou arrastar este praticante para a água e deixar que sinta o que eu tenho passado. Ou então viro o barco todo.

— Pensa bem — disse o sábio, calmamente. — O sofrimento que vives agora deve-se ao karma da matança que praticaste quando estavas vivo. Se continuas a guardar esse tipo de rancor e queres magoar o praticante, vais gerar ainda mais mau karma e experienciar muito mais sofrimento. Se sabes que o mau karma resulta em desgraça, porque não mudas o teu caminho agora? Liberta o teu rancor, abandona o teu ódio. Ficarás livre de imediato. Quanto ao praticante que não te recordou que matar traz punição, ele gerou o seu próprio mau karma, e terá de suportar as consequências.

Ele tem razão, pensou o fantasma. Devia esquecer a minha vingança e abandonar o meu ódio. Todas as coisas têm o seu karma. Devo aceitar as consequências do que

fiz no passado e não fazer mais mal a ninguém. Com este pensamento, sentiu arrependimento no coração, e todo o seu ódio desapareceu. Juntou as mãos em direção ao sábio, em sinal de reverência. De repente, estava livre do Reino dos Fantasmas. Afastou-se, voando levemente. Havia sido libertado.

•

«**O**bem gera o bem; o mal gera o mal.» Esta é a lei da causa e efeito, que todos precisamos de entender. Temos de ter cuidado com as nossas palavras e comportamentos, e praticar boas ações, todos os dias. Quando vemos os outros a praticar más ações, devemos adverti-los, diplomaticamente — este é o nosso dever. Sempre que fizermos algo errado, devemos corrigi-lo devidamente, de imediato. Nunca devemos culpar os outros pelas nossas ações. Ao viver desta forma, iremos melhorar o nosso próprio destino.

O Pau de Um Tolo

*No final da nossa vida, iremos levar o mau karma
da ganância, da ira e da ilusão, ou iremos levar
o bom karma da pureza transcendente?*

No tempo de Buda, vivia um homem muito rico que tinha muitos servos. Um deles, era pouco inteligente, incompetente e desastrado. Mas também nunca discutia com os outros. De todos os servos, era o mais estúpido. Um dia, o velho zangou-se muito com ele. Depois de o repreender, deu-lhe um pau e disse-lhe:

— Dou-te este pau pela tua estupidez. Se algum dia conheceres alguém mais estúpido do que tu, dá-lhe este pau.

Entristecido, o servo olhou para o pau e pensou: *Serei eu tão estúpido como o meu amo diz? Haverá alguém mais estúpido do que eu, a quem possa dar este pau?*

Dali em diante, todos os dias, o servo pegava no pau, interrogando-se: *Serei assim tão estúpido?* Contudo,

devido ao seu espírito simples, continuava a sua vida como sempre.

Um dia, repentinamente, o senhor adoeceu e ficou de cama. Todos os servos estavam em seu redor, a aguardar o seu último suspiro, entre eles o servo estúpido. Ao ver ali todos os seus familiares e os seus servos, o senhor disse:

— Tenho que vos deixar, agora. Vou-me embora.

— Senhor, para onde vai? — perguntou o servo estúpido.

— Talvez para um lugar muito, muito distante daqui — respondeu o senhor.

— Que lugar é esse?

— Possivelmente, outro mundo.

— Preparou as suas coisas?

— Não. Não vou levar nada comigo — respondeu o venho, com um tom de insegurança na voz.

O servo sacou do pau e deu-lho.

— Senhor, vai para um lugar tão distante e, ainda assim, não preparou nada. Isso não é muito perigoso? Acho que o senhor também é estúpido. Dou-lhe este pau.irá ajudá-lo na sua viagem.

.

Normalmente, só vemos a estupidez dos outros. Pensamos sempre que somos mais espertos, ao lidarmos com pessoas e acontecimentos. Na verdade, podemos ser nós os estúpidos, só que não temos consciência disso. Quando morrermos, não levamos mesmo nada connosco? De facto, levamos. O que levamos é o nosso karma.

Será que alguma vez refletimos seriamente se o que vamos levar connosco para a próxima vida é o mau karma da ganância, da ira e da ilusão, ou o bom karma da pureza transcendental?

Viagem ao Encontro de Deus

Um jovem que estava de partida para uma viagem, cruzou-se com um ancião à saída da sua aldeia. Quando o mestre lhe perguntou para onde partia, respondeu que ia ao encontro de Deus e que a sua viagem era para Jerusalém.

— Meu rapaz, não gastes o teu tempo e dinheiro a procurar Deus no lugar errado. vai para casa e medita.

— Após uma pausa ao ver o desânimo na expressão do jovem, o sábio continuou — Fica tu sabendo que Deus nunca viveu nesse lugar construído pelo homem. Mas fica também sabendo, que Deus vive no coração de cada um de nós desde o dia em que fomos criados. Vai para casa e medita. E encontrarás Deus no teu coração.

.

Por vezes acreditamos que precisamos de procurar longe aquilo que na verdade está tão perto de nós. A nossa mente turva-se com aquilo que é acessório, em

lugar de valorizar o que de facto é importante. Não é o lugar que importa, mas sim o que temos dentro de nós.

Buda e o Mendigo

*O amor compassivo e o cuidar dos outros é essencial
para se ser um ser humano decente.*

Um dia, durante a sua estadia no Jetavana Park [uma sala de palestras e residência construída para Buda e a sangha], em Kosala, Buda conduziu os seus discípulos a pedir esmola. Na cidade, viram um grupo de pessoas num beco. Buda enviou um discípulo para descobrir o que se estava a passar.

O discípulo regressou, dizendo:

— Reverendo Buda, aquelas pessoas estão paradas à volta de um velho, a falar umas com as outras.

— Sobre o que estão a falar? — perguntou Buda.

— O velho está a implorar por comida. Chama a atenção porque está imundo e tem um cheiro horrível. Alguns até tapam o nariz, quando estão perto dele, apontando-lhe o dedo.

Buda aproximou-se do velho e perguntou-lhe, com bondade:

— Quantos anos tem, senhor?

— Tenho 70 anos — sussurrou o velho.

— Nasceu assim tão pobre?

— Não, fui feliz na minha juventude e bem-sucedido na minha meia-idade. Mas, agora, estou velho e doente. Não posso trabalhar mais, e não tenho ninguém que cuide de mim. Foi por isso que acabei a pedir, para o meu sustento.

» A minha família era muito rica, quando eu era criança — continuou o velho. — Quando cresci, não compreendi que devia cuidar do que tinha, e, então, vivia de forma extravagante. É por isso que hoje sou tão pobre.

— O que gostou mais de fazer e como levou a sua vida quando era jovem? — perguntou Buda.

— Eu gostava de cantar e de dançar, e entreguei-me muito a esses prazeres.

— Consegue dançar e cantar agora?

— Sinto dificuldade só a falar; como poderia eu cantar? Tenho uma corcunda e mãos e pés desajeitados; como poderia eu dançar?

— Quais foram as outras razões que o levaram a tornar-se tão pobre?

— Houve um ano em que uma forte inundação destruiu as minhas terras. Os campos, outrora tão férteis, já não conseguiam produzir cultura alguma, pois ficaram cobertos de lodo e cascalho, quando recuaram as águas. No ano seguinte, a minha casa ardeu. A minha mulher e os meus filhos morreram e deixaram-me sozinho para o resto da vida. Arrependo-me de muitas coisas: de não ter trabalhado arduamente quando era novo e de me ter saciado na bebida e nas mulheres, na minha meia-idade. Agora, tenho de aceitar as consequências.

Depois de escutar a história da vida do velho, Buda olhou à sua volta, para as pessoas que ou tapavam o nariz ou apontavam para o velho mendigo.